

Director literario:

Acquaforte
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Luiz Colla
PAPUSSE

“ZÉ,, PALONÇO



«Zé» Palonço, um pouco bronco,
recebe ordem do patrão
para cortar certo tronco,
a uns três metros do chão.



Como não é muito alto,
e não tem um banco ao pé,
«Zé» Palonço, dando um salto,
marinha qual chimpanzé.



Já no tronco escarranchado,
com ligeireza e despacho,
vai dando com o machado
e corta o tronco por baixo.



Entretanto cai o tronco
e um tremendo trambolhão
atira Palonço bronco,
em pantanas, para o chão!

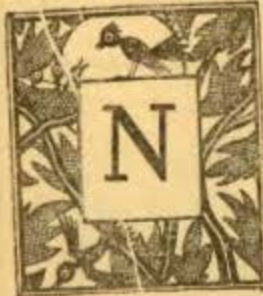
Meninos toca, a evitar
irreflexões como esta,
porque p-dem apanhar
um grande galo na testa.



O SONHO DO PRÍNCIPE WLADIMIRO

— Por DUAS MARIAS —

Desenhos de EDUARDO MALTA



UMA das mais lindas cidades do Oriente, existia, há séculos, um palácio encantador. Quem o visse julgava, pelo seu aspecto, haver nele a maior alegria. Porém os seus habitantes, os príncipes de... viviam mergulhados na maior tristeza.

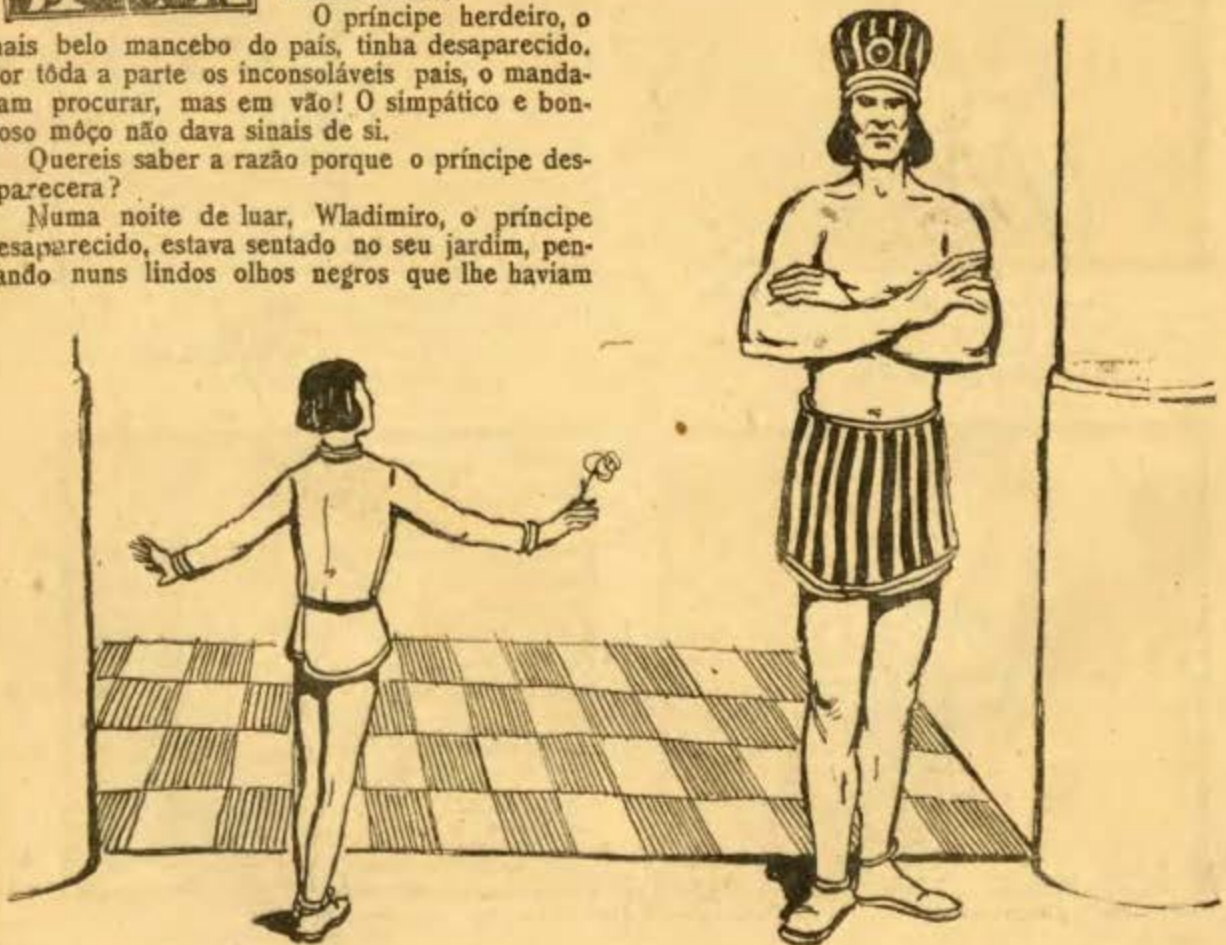
O príncipe herdeiro, o mais belo mancebo do país, tinha desaparecido. Por toda a parte os inconsoláveis pais, o mandavam procurar, mas em vão! O simpático e bondoso môço não dava sinais de si.

Quereis saber a razão porque o príncipe desaparecera?

Numa noite de luar, Wladimiro, o príncipe desaparecido, estava sentado no seu jardim, pensando nuns lindos olhos negros que lhe haviam

aparecido em sonhos. No meio da sua meditação, pareceu-lhe que alguém o chamava; levantando a cabeça, viu na sua frente uma claridade que o deslumbrou. Do meio dessa luz maravilhosa, caminhou para ele uma gentil figura de mulher que lhe disse:

— Eu sou a fada do amor; vou dizer-te onde se encontra a princesinha Marília, possuidora dos olhos negros com que sonhaste esta noite. Se a





queres conhecer, segue-me. A princesinha encontra-se há anos mergulhada num longo sono do qual só despertará quando um príncipe bom e corajoso, como tu, a fôr libertar dum tigre, que a guarda, deitado aos pés do seu leito de marfim. Terás tu coragem para arrostar com os perigos, que encontrarás no teu caminho? Se a tens, vem sem perda dum segundo.

Wladimiro, sem hesitar um momento, levantou-se e seguiu a radiosa aparição, que lhe entregou uma rosa, dizendo:

— Tocarás com esta flôr em tôdos os obstáculos que encontrares no teu caminho e logo êles desaparecerão como por encanto. O príncipe despediu-se da fada e seguiu o caminho indicado por esta.

Farto de andar, cheio de sono e cansaço, sem encontrar nada do que lhe haviam dito, Wladimiro, desanimado, sentou-se a descansar, quási arrependido de ter acreditado nas palavras que lhe dissera a linda figura.

De repente, ouviu, a seu lado, um silvo agudíssimo. Voltando-se, viu uma enorme serpente que parecia querer devorá-lo. Lembrando-se das palavras da fada, tocou com a rosa no peçonhento reptil, que logo desapareceu, desfazendo-se numa nuvem de fumo. Convencido de que não perdia o seu tempo, pôs-se novamente a caminho à procura da dama dos seus sonhos. Caminhou, caminhou, por montes e vales, os pés ensangüentados já, trazia, quando se lhe deparou o palácio encantado. Um silêncio de morte reinava à volta deste. Uns largos portões de ferro abriam-se de par em par.

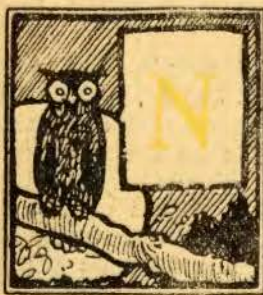
Um índio, grande colosso de braços cruzados, servia de sentinela áquele vetusto palácio. Wladimiro, julgando adormecida, a monstruosa figura, avançou e quási transpunha os enormes portões, quando sentiu que o empurravam. Era o índio que, vendo um intruso nos domínios que guardava, se enfurecera e o tratara daquele modo. O jovem, sentindo-se tão maltratado e não perdendo a coragem, atirou-lhe com a flôr, caindo imediatamente o índio a seus pés, inanimado. Uma enorme escadaria estava na sua frente. Subiu-a; entrando no palácio, percorreu-o, logo, na ância febril de encontrar a sua princesinha.

Num quarto de ouro e diamantes, estava deitada no seu leito de marfim, Marília, como a fada tinha predito. Louco de alegria, sem se lembrar do perigo que corre, penetra na maravilhosa alcôva, quando, dum salto, o tigre o alcança, travando-se uma luta entre ambos. Estava quási a succumbir o destemido môço, quando se lembrou da flôr, que mais uma vez o tinha salvo de perigos eminentes; atira-a à fera que logo caiu morta.

O palácio, que até ali estava adormecido, acordou, juntamente com as personagens que o habitavam.

Marília, corre para o seu salvador que abraça eternecidamente, partindo ambos para o palácio dos príncipes de... os quais rejubilaram de alegria ao vêr regressar o seu filho tão querido.

Passados dias realizaram-se os esponsais do príncipe Wladimiro com Marília, a princesa dos olhos negros. O povo aclamou-os delirantemente, pedindo a Deus para tão lindo par, as maiores felicidades e bênçãos.



UM retalho de verdura, da nossa linda terra, ergue-se uma casita modesta, com a sua capoeira, o seu pomal e, a embelezar o pequeno casal, um jardimzito.

Ouvem-se cantar os passaritos, rumorejar o regato que perto passa, cacarejar as galinhas, e, de quando em quando, o guarda da casa, um lóbo da

Alsácia, faz ouvir o seu ão! ão! como para prevenir de que está álferta.

É nesta casa que vivem, com seus pais e dois criados, Lili e Milau. Lili é uma garôta de seis anos, travessa, irriquieta, de excelente coração, mas um pouco despótica. Aprende com facilidade o que lhe ensinam, mas que de esforços não são precisos para lhe prenderem a atenção! Sabe lêr regularmente, escrever menos mal, já faz as três primeiras operações e anda nos primeiros exercícius de piano. Não gosta de brincar com as suas bonecas; o seu maior divertimento consiste

em balouçar-se num trapézio, que lhe fizeram no quintal. É uma ventoinha; nada pára com ela. Bate nos criados e grita quando não lhe fazem a vontade.

Milau, a sua irmãsita, conta oito meses; é um encanto. Sempre risonha, muito socegadinha, gosta de estar sentada no chão e com tudo se entretém. Uma roca, uma caixa de folha com uma pedrita dentro, uma bola de celulóide e um coelhito de pano, constituem os seus brinquedos.

Já se arrasta, e, quando se cansa, estende-se, deita a cabecita no pavimento e grita para que a tirem daquela posição. Tôdos correm para ela, que, muito contente, começa com a sua algaraviada, que só ela sabe o que quere dizer.

Dá! dá! dá! tá! tá! tá! nhanha! nhanha! nhanha! balbucia ela de manhã à noite, e, às vezes, por acaso, muito a propósito.

Um dia, Lili foi à vila mais próxima e trouxe rebuçados dos que têm a envolvê-los retratos dos artistas do cinema, que as crianças colocam em uma caderneta, para se habilitarem «a uns grandes prémios», segundo a expressão de Lili.

Milau ainda não sabia o que eram rebuçados; olhava muito admirada e com a mãosita estendida dizia: *dá! dá! dá!* Lili não lhe deu nenhum; tinha medo que lizessem mal à sua menina, que, numa noite muito fria, o Menino Jesus-tinha vindo depôr à sua porta, e fugiu para a rua, onde, muito gulosamente, se propunha faze-los desaparecer, um a um, nessa boquilha vermelha, ávida de guloseimas. Junto a ela pára uma pobre pequena, que olha extasiada para os rebuçados de Lili. Que boas devem ser aquelas coisas! Lili reparou nela e perguntou-lhe: — gostas de caramelos? Ela sabia lá o que era isso! Gostava de coisas doces, sim, mas sua mãe mandava-a pedir pãosinho para fazer a sôpa e quando lhe davam algum dinheiro, corria a entregá-lo à sua mãesinha, coitadinha, que era muito pobre e tinha muitos filhos.

Então Lili, num rasgo do seu coração generoso deu os rebuçados à pequena, que não acreditava no que via, e, guardou para si só um, para vêr se eram tão bons como os outros que ela já tinha comido noutras ocasiões.

Neste momento, chegou junto dela a mãe, com

a pequenina ao colo e diz-lhe: — Lili, dá um rebuçado a tua irmã; ela já pode chupá-lo.

Lili deu-lho e a mãe viu que nas suas mãositas não ficara nenhum. Admirada, perguntou-lhe: — já comeste os rebuçados tôdos? — Não, mamã, aquela menina... (e apontava para a pequena que se afastava). não tinha ainda comido caramelos e eu dei-lhe os meus, ficando apenas com esse que agora dei a Milau.

Torna-lhe a mãe: — e porque não disseste isso? Podias ter comido o que deste à tua irmã-sita!

— Não faz mal, mamã; eu fico com es retratos para colar na caderneta. Comerei de outra vez, e, voltando-se para a pequenina, perguntou-lhe: — está contente? É a pequenita, muito entretida a chupar no seu doce, olhou para a irmã, sorriu e respondeu: *tá! tá! tá! dá! dá! dá!*

Tôdos riram e Lili foi beijada enternecidamente por sua mãe, que lhe aconselhou que fôsse sempre boa e proccdesse sempre assim.

F I M



BREVEMENTE:

Sensacional novela infantil por
 AUGUSTO DE SANTA-RITA
 com ilustrações de EDUARDO
 : : : MALTA : : :

HORA DO RECREIO

Jardim Zoológico Palavras cruzadas



**TOURO
ABRIL**

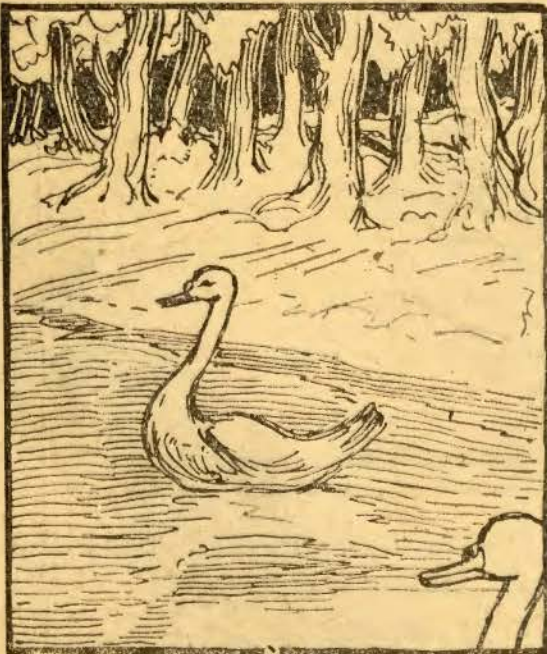
HORIZON-
TALMENTE

2, Moeda inglesa de prata, equivalente aproximadamente a \$23 da nossa actual moeda; 6, delicado; 7, planta poliglalacea, amarga; 10, que se pode negar; 12, para animar; 13, pronome pessoal.

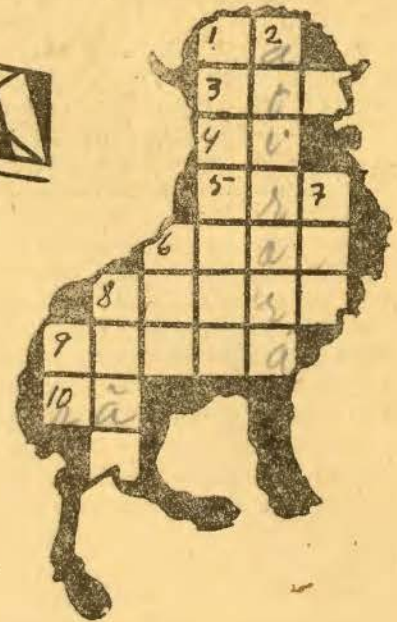
VERTICALMENTE

1, Agora; 2, titulo do soberano da Persia; 3, ave pernalta parecida com o avestruz; 4, fútil; 5, mēda; 8, nota musical; 9, animal que v̄oa; 11, pronome pessoal.

ADIVINHA



Vejam se descobrem onde se encontra a donã c'estes cisnes



**Carneiro
Março**



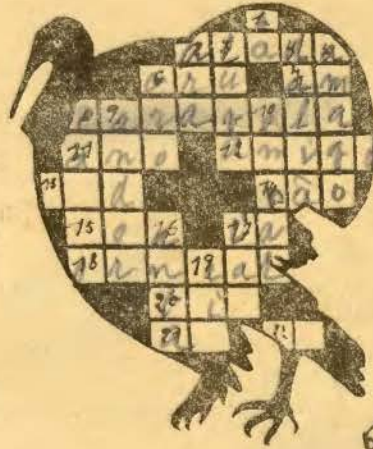
HORIZONTALMENTE

1, Nota musical; 3, impeço; 4, pronome pessoal forma complemento; 5, desejo de vingança; 6, anual; 8, balela; 9, árvore cubana; 10, batráquio.

VERTICALMENTE

1, traduzir latim; 2, arremessarã; 6, constelação astral; 7, fila; 8, terra arroteada, e própria para cultura; 9, camada atmosferica.

PERU



ALVESNOVES
1929

HORIZONTAIS

2, Que tem asas (feminino); 6, Que ainda não foi ao lume; 7, Forma do verbo «To be»; 8, embarcação; 11, Espaço de tempo; 12, O que dedica amizade; 13, palavra inglesa que significa Rubor; 14, O que nós comemos tódos os dias; 15, Corda para rebocar os navios; 17, Do verbo ir; 18, Zurrar; 20, Parente, 21, Artigo definido; 22, Mulo.

VERTICAIS

1, Agora; 2, Altar; 3, Que tapa a mão; 4, Flôr; 5, Medula das plantas; 6, Jôgo de cartas; 8, Precavido; 9, Lugar onde se conduzem os santos nas procissões; 10, Suster as vidés com estacas; 16, Paquiderme tapirideo da América do Sul; 17, Oco; 19, Interjeição.

“Pé leve” e Chiquinho

Por AUGUSTO DE SANTA-RITA
Desenhos de EDUARDO MALTA

«Pé-Leve» — o ardina — saltitante às vezes, qual pardalito na eira, outras veloz como um foguete preste a estralejar, embora nada tivesse além do que avesava ao moirer na venda dos jornais, era alegre, jovial, contente de viver.

Adelgado e magro, mas saudável e rijo, em seus olhinhos espertos se reflectia e espelhava a insaciável curiosidade infantil do seu espírito vivo, irrequieto e sagaz. Tinha 8 anos apenas mas já sabido e experiente que nem sábio de oitenta, vivido em remotas eras, quando a Arvore da Sciência, simplesmente florida, não dera ainda seus frutos século XX: — telefones, combóios, autos e gasolinhas ou caravelas voadoras. Por ser assim, pois, saudavel e rijo, irrequieto e

sagaz, o pequenino «Pé-leve» era alegre, jovial, contente de viver.

Chiquinho, menino rico, anémico, franzino, olheirento e pálido, à fresca sombra duma copada lúcia-lma aromática, que ornamentava o jardim do seu solar avoengo, passava dias e dias na cadeirinha travada, de quási entrevadinho por sucessivas horas de repouso.

Orfão de mãe, raramente saía, quási sempre olvidado pela egoista madrastra, há muito tempo em viagem com o querido papá que o deixara aos cuidados, bem pouco zelo-

(Continua na página seguinte)

Para os meninos colorirem

O PTÉROIS

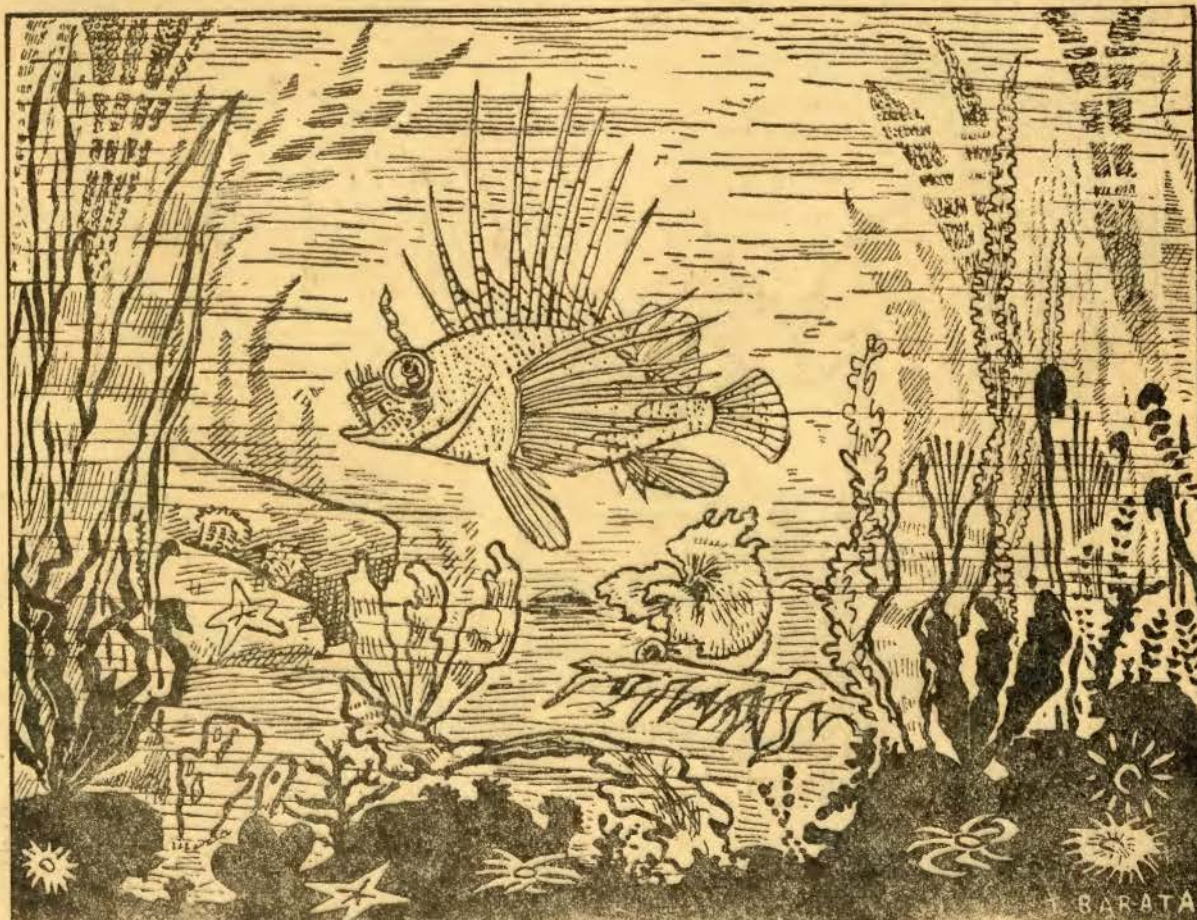
Indicação: — As faixas ponteadas do corpo do peixe pintam-se a vermelho carregado, alternadamente.

O resto do corpo, desde essa cor, um pouco mais clara, até ao cor de rosa vivo das barbatanas anal, caudal e segunda dorsal, em diversos cambiantes. A barbatana ventral a vermelho e a peitoral a vermelho carregado. Os raios da primeira barbatana dorsal em cor de rosa com faixas vermelhas.

Quanto às algas: — As compridas do segundo plano do lado esquerdo, pintam-se a verde, mais carregado nos

sítios sombreados. As outras que estão por detrás, a verde mais claro. A alga que está em baixo, com uns buracos, a vermelho vivo, alaranjado. A que está por baixo da cabeça do peixe, a amarelo-limão, mais escuro nas sombras. A que está por baixo da cauda, pinta-se a amarelo torrado, com verde e encarnado nas sombras. A que está inferior a esta num tom avermelhado, assim como a do lado. As outras tôdas a verde mais ou menos claro. A areia e as rochas a amarelo torrado. A água azulada, esverdeada nos cantos superiores.

N. B. — As anémonas e estrélas do amar vermelho claro



zos, por sinal, da governanta idosa. E assim passava os dias, anémico e enfestado, embora entre a abastança, um luxo exagerado e um conforto excessivo.

Já conhecia o Tédio, apesar de tão novo, nove anos apenas, o pobre menino-rico!

Seu único prazer, às quartas-feiras, era aguardar o «Pé-leve» que, com o *Pim Pam-Pum*, o querido suplemento infantil do *Século*, lhe levava uma bela merenda espiritual; — os lindos contos e versos, anedotas, problemas, adivinhas e construções para armar, ao serão, sobre a mesa da salinha da copa, onde jantava agora, desde que o seu papá partira, com a madrastra, para estrangeiras terras.

Assim que o pequeno «ardina» despontava ao fundo da estrada, em frente do portão gradeado, logo um sorrisito de contentamento lhe entreabria os lábios descorados.

Ofegante de mocidade, altivo, forte, confiado, o «Pé-leve» era a antítese do menino ricoço, débil, fraco, tímido e mórvido.

Tal como um passarinho enclausurado, Chiquinho, sedento de liberdade, olhava e remirava, cobiçoso e enleado, o pequenino garoto de jornais, invejando-lhe o porte, o garbo, o ar desembaraçado, sacudido e airoso com que ele se aproximava.

Ao receber das suas mãos o *Século*, Chiquito quiz meter conversa e procurou um pretexto:

— «Traz o *Pim-Pam-Pum*?»

— «Traz, sim, meu menino...» respondeu o pequenino «ardina» acrescentando a sorrir: — «e deve vir bem bom?»

— «Já lêste?» tornou Chiquinho, contente pela imediata resposta do garoto.

— «Eu cá não tive inda tempo... A minha avó é que mo lê, à noite, ao terminar a venda. Mas já vi que traz a história dum palhaço como os que a gente vê no Coliseu».

— «Tu vais ao Coliseu?» indagou, curioso e surpreso, Chiquinho, que inda lá não fóra.

— «Então não «havera» de ir!... Todas as quintas-feiras e domingos lá vou fazer a venda».

— «E assistes a tudo e vês os palhaços?»

— «Pois «tá» de vêr que sim!» voltou de novo o gaiato com grande vivacidade.

— «Ah, como eu gostava de ser vendedor de jornais!» suspirou Chiquinho tristemente, ante a expressão de pasmo

do pequenino «ardina» surpreendido por tão ingénua e espontânea confissão que o fez cair às nuvens e que o levou a interrogar, por sua vez, num sorriso de altivez argulhesa:

— «Pois o menino trocava a sua scrlta p'ia minha?»

— «Oh se trocava! Eu nunca fui ao Coliseu! Como é?...» tornou, ávido de curiosidade, o menino, relanceando o olhar pelo desenho que, no *Pim-Pam-Pum*, acompanhava a história.

— «É assim... (princípiou o «ardina» febril de entusiasmo) é assim... uma casa muito grande, muito gra-a-a-a-a-a-a-a-a-a-a, com uma clarabóia muito alta, muito a-a-a-a-a-a-a-a-a-a, muitos degraus em volta, apinhadinhos de gente que é a geral, e camarotes emriba, cheios de gente fina e cadeiras em baixo, ao redor da arena, tôda alcatifada, onde os palhaços ção as cambalhotas e fazem rir a gente com as piadas que dizem. E música a tocar num corêto e ginastas a trabalharem num trapézio e um grande palco ao fundo com uma grande jaula cheia de leões e tigres e panteras e um homem dentro à chicotada a-êles! Eh «pá» aquilo é que é bonito!...»

Chiquinho que, de incendiada expressão, atento ouvira o ingénuo relato do pequenino «ardina», ficou-se um momento pensativo e triste, até que, numa súbita transição, propôs resolutivo:

— «Queres trocar comigo?...»

— «Trocar o quê?!» voltou de novo o «ardina» num pasmo ainda maior pelo tom persuasivo com que Chiquinho lhe fizera a proposta.

— «Sim; dá-me os jornais. Tu ficas vivendo aqui e eu vou vendê-los!»

— «É para já?» exclamou, seduzido também pela imprevista proposta, o pequenino «Pé-leve».

Quando, porém, Chiquinho, já com a sacola dos jornais a tiracolo, se dispunha a fugir e «Pé-leve» aconchegava, na cadeirinha travada, a manta confortavel sobre as pernas, a governanta surgiu e, acomodando os óculos, berrou furiosamente:

— «O menino está doido?!...»

Três açoites bem puxados em Chiquinho, puzeram termo à scêna, ao mesmo tempo que «Pé-leve», saltando da cadeirinha, resmungou desesperado:

— «Que desmancha prazeres!»

